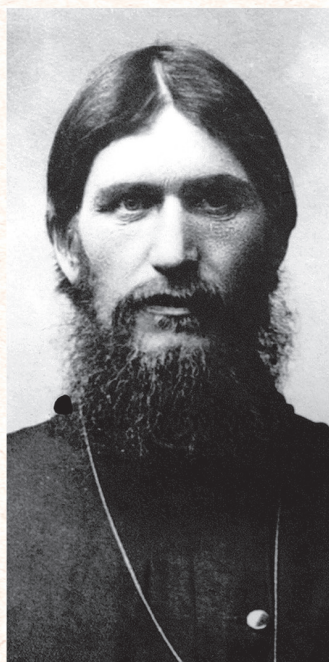


RASPÚTIN

E A QUEDA
DOS ROMÁNOV



ANTONY
BEEVOR

CRÍTICA

RASPÚTIN

E A QUEDA DOS ROMÁNOV

**ANTONY
BEEVOR**

Tradução

Claudio Carina

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Antony Beevor, 2026
Ocito Ltd, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Claudio Carina, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Rasputin: And the Downfall of the Romanovs*

Preparação: Natalia Marcelli
Revisão: Diego Franco Gonçalves e Valquíria Matioli
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Mapa: © John Gilkes, 2025
Capa: The Orion Publishing Group
Adaptação de capa: Heleni Andrade
Imagens de capa: CPA Media Pte Ltd / Alamy / Fotoarena; Archive PL / Alamy / Fotoarena; Roger-Viollet / Topfoto / Fotoarena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beevor, Antony
Rasputin e a queda dos Romanov / Antony Beevor ; tradução de Claudio Carina.
– São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
352 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-4487-8
Título original: Rasputin: and the downfall of the Romanovs

1. Rússia – História 2. Rasputin, Grigori Yefimovich – Biografia 3. Casa Romanov
I. Título II. Carina, Claudio

26-4323

CDD 947

Índice para catálogo sistemático:

1. Rússia – História



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	7
Introdução	17
1. Encruzilhadas na Sibéria.....	21
2. O jovem Raspútin	27
3. O novo reinado	35
4. A maldição de Khodínka	45
5. O primeiro guru e o herdeiro	55
6. A guerra contra o Japão	67
7. A quase revolução de 1905.....	79
8. Raspútin em São Petersburgo	87
9. O sonho da Imperatriz Viúva	99
10. O monge louco Iliódor – “Um monstro de audácia”.....	107
11. Raspútin no quarto das crianças	117
12. O assassinato em Kiev	123
13. Raspútin e seu archi-inimigo	133
14. A salvação do czarevich em Spała	141
15. O tricentenário dos Románov, 1913.....	151
16. Féliks e Dmítri	157
17. Raspútin é apunhalado	169
18. A eclosão da guerra – Beijos na sombra do czar	179
19. Raspútin e as mulheres	189
20. Mau comportamento	201

21. Escândalo e ameaça	213
22. O czar assume o comando	221
23. O gabinete do <i>boudoir</i> da imperatriz, outono de 1915	231
24. A farsa russa	239
25. A dança das cadeiras ministerial	251
26. Na véspera do apocalipse	261
27. Os assassinos	275
28. O ato	285
29. “Assassinado por monstros”	297
30. Um assunto de família	305
 Glossário	 315
Agradecimentos	317
Abreviaturas	319
Fontes	323
Bibliografia	343

ENCRUZILHADAS NA SIBÉRIA

Pouco além dos montes Urais, o vilarejo de Pokróvskoie fica nas margens do rio Tura. Esse assentamento rústico, que incluía a casa da família de Grigóri Iêfimovitch Raspútin, dificilmente poderia contrastar mais com a vida do Czar de Todas as Rússias. No entanto, em 27 de abril de 1918, por acaso Pokróvskoie estava no trajeto percorrido pelos Guardas Vermelhos que escoltavam o czar e a czarína em sua última viagem a Ecaterimburgo. Os pais tinham saído de Tobolsk acompanhados apenas pela filha Maria, de 18 anos. Naquele momento, precisaram deixar o czarevich Aleksêi, que estava doente, e as outras três filhas.

Como o Tura ainda estava coberto de gelo, os prisioneiros imperiais não puderam viajar no habitual barco a vapor de rodas e de pás. A ex-imperatriz Alexandra Fiodoróvna e a grã-duquesa Maria seguiram em uma *tarantass*, uma carruagem alongada e aberta, com cobertura de lona. Nicolau, o czar deposto, não se queixou dos solavancos de sua carroça rústica, uma tosca aba de duas rodas, que chacoalhava loucamente a cada buraco na trilha lamacenta entre o rio e a floresta de bétulas e pinheiros.

O pequeno comboio fez uma parada em Pokróvskoie ao meio-dia para trocar os cavalos, em frente à casa da família Raspútin. A czarina ficou olhando para a casa de madeira de dois andares. Sabia tudo sobre o local de nascimento do camponês Homem de Deus, a quem chamavam de “Nosso Amigo”. Dois anos antes, Raspútin havia predito: “Quer queiram, quer não, eles virão a Tobolsk e conhecerão meu vilarejo antes



Desenho da casa de Raspútín em Pokróvskoie, feito às pressas pela grã-duquesa Maria antes de os guardas bolcheviques perceberem o que estava acontecendo.

de morrer”. Escondidos na sua bagagem, a czarina levava quatro ícones que ele lhes dera, além de todas as suas cartas, que guardava com apreço.

Um ano e quatro meses antes, Alexandra Fiodoróvna tinha se inteirado, perplexa e horrorizada, de como a notícia do assassinato de Raspútín fora comemorada. Espetáculos teatrais em Petrogrado foram interrompidos, com a plateia se levantando para aplaudir e cantar o hino nacional, “Deus salve o czar”. Seus assassinos eram monarquistas fervorosos, não revolucionários. Ainda assim, como ela repetia constantemente para si mesma, só os privilegiados se rejubilaram. Uma dama da alta sociedade, que anunciara com entusiasmo a notícia em uma enfermaria cheia de soldados feridos, foi recebida com um silêncio hostil. “Sim”, disse por fim um soldado, falando em nome dos camaradas. “Foi o único mujique que chegou perto do trono, e os senhores o mataram.”

Enquanto a czarina continuou imersa em seus pensamentos, a grã-duquesa Maria fez um rápido desenho da casa. A viúva de Raspútín, Praskovia Fiodoróvna, e dois de seus filhos ficaram olhando a comitiva imperial pela janela, com uma fascinação temerosa. De repente, um dos integrantes da Guarda Vermelha percebeu o que estava acontecendo, começou a gritar e ergueu seu fuzil ao ombro. Praskovia puxou a família para fora do campo de visão.

Esse incidente ocorreu apenas três meses antes de um destacamento bolchevique em Ecaterimburgo reunir o czar, a czarina, o czarevich e as quatro grã-duquesas no porão da “Casa de Propósito Especial” para serem mortos. Esses guardas cobriram as paredes que levavam até lá com grafites obscenos, retratando Raspútin “com genitais nus e exagerados”, e outra imagem dele recebendo sexo oral da imperatriz. Com toda a sua família, Nicolau II, czar de Todas as Rússias, foi então morto não por um só mujique, como sua mãe temia, mas por um grupo deles, disparando à queima-roupa contra carne e ossos. Raspútin estava enganado quando previu ao czar “que os mujiques nunca o matariam, e sim um intelectual”.

Para os bolcheviques, parecia haver uma espécie de justiça poética no fato de os últimos Románov serem mortos na estrada para a Sibéria, para onde tinham exilado tantos oponentes ao longo dos séculos. Mas suas vítimas, despachadas para o leste aos campos de trabalhos forçados, sofreriam infinitamente mais do que seus companheiros revolucionários que conspiraram contra o antigo regime.

Desde o início do século XVII, a vastidão da Sibéria, com seus enormes rios, tundras e florestas silenciosas, oferecia oportunidades – no comércio de peles, na pesca, na agricultura e na extração de madeira ou ouro. Havia muito tempo, o governo czarista utilizava essa região como uma forma evidente de punição, com sentenças de exílio ou trabalhos forçados mais a leste, ao longo da “estrada das correntes”.

A Sibéria era um país diferente da Grande Rússia a oeste dos Urais. Lá não havia ali servidão nem grandes propriedades rurais. Com suas florestas intocadas e animais selvagens, essa região aparentemente infinita era marcada pelas violentas tentativas de conquistá-la. Embora assombrados por lendas populares brutais e crenças quase animistas, os siberianos tendiam a ser muito mais independentes, até anárquicos em sua visão de mundo. Eram também autossuficientes, uma característica indispensável em uma terra de condições tão cruéis.

O pai de Grigóri Raspútin, Iêfim, era um camponês pobre, mas empreendedor. O sobrenome da família, comum na Sibéria, significa “encruzilhadas”. Como muitos de seus conterrâneos, Iêfim se dedicava



Aldeia siberiana com um trio de cavalos puxando um trenó improvisado.

a diferentes ofícios, conforme a estação do ano. Em um pequeno lote de terra cultivava repolho, produzia feno e criava uma dezena de cavalos e cabeças de gado. Juntava-se a outros para pescar esturjão-do-volga, salmão-siberiano e esturjão no rio Tura. Em determinados períodos, trabalhava como carreteiro na principal rota postal, de Tobolsk a Tiúmên, levando mercadorias ou transportando passageiros na sua própria *tarantass*. No inverno, substituíam as rodas por esquis e a transformava num trenó, pois o movimento aumentava quando o Tura congelava e deixava de ser navegável pelos barcos a vapor.

Lêfim se casou em 1862. Sua mulher, Anna, perdeu os quatro primeiros filhos. Finalmente, em janeiro de 1869, um filho sobreviveu. Ao ser batizado, recebeu o nome do místico capadócio São Gregório de Nissa. Mais tarde, a falta de registros confiáveis fomentou a invenção de inúmeras histórias sobre a infância e a juventude do menino. Ele nunca teve um irmão, que supostamente morreu quando os dois estavam nadando juntos no rio. E a história popular de que, doente e de cama, ele

identificou um ladrão de cavalos na aldeia era quase certamente outro mito, criado mais tarde para reforçar sua reputação de adivinho. Grigóri Iêfimovitch Raspútin, conhecido como “Gricha”, também era considerado um encantador de cavalos, e frequentemente vilipendiado como ladrão de cavalos, embora nunca tenha sido acusado por isso. Porém, era lembrado como um bêbado e encrenqueiro na juventude.

Além da taverna que vendia vodca, Pokróvskoie tinha uma igreja branca com cúpulas verdes e uma torre, um posto de correio, uma loja simples que vendia produtos agrícolas e um cais de madeira sobre estacas cravadas no leito do rio. Porcos enlameados eram conduzidos ao longo da margem por camponesas com lenços na cabeça e sobressaias coloridas presas por suspensórios largos.

A casa da família Raspútin era uma isbá feita de troncos calafetados com musgo. A única decoração externa eram as molduras das janelas, lavradas e bem moldadas. Tinha uma dependência separada, uma *gor-nitsa*, para receber hóspedes e peregrinos. Dentro, o santuário da família era iluminado por pequenas lâmparinas a óleo mostrando ícones pintados de forma grosseira, com baratas se escondendo nos cantos escuros. Além da sopa de repolho, a mãe de Grigóri fazia sopa de peixe – que continuou sendo seu prato favorito, inclusive no auge da fama, antes de morrer. No seu apartamento em São Petersburgo, durante a Primeira Guerra Mundial, Raspútin mergulhava as mãos sujas numa grande terrina, escolhendo pedaços de peixe para oferecer às suas bem-nascidas damas seguidoras. Poucas rejeitavam aquele sinal de deferência.

O JOVEM RASPÚTIN

No verão de 1886, quando tinha apenas 17 anos, Raspútin conheceu uma jovem camponesa chamada Praskovia Dubrovina em uma festa religiosa no mosteiro de Abalak. Com cabelos loiros e olhos castanho-escuros, Praskovia era mais de três anos e meio mais velha. Era “uma mulher simples, mas inteligente”. Ele a cortejou por seis meses, casou-se com ela e a levou para Pokróvskoie para morar na isbá da família, conforme o costume. À parte suas infidelidades posteriores, que não pareciam preocupá-la, Raspútin, no geral, a tratava bem, e por sua vez ela se mostrou uma esposa profundamente leal.

Anos mais tarde, o metropolitá* Veniamin contou uma história altamente improvável envolvendo Raspútin e Praskovia e sua busca inicial pela fé religiosa. A imperatriz pediu a Raspútin para ditar a história de sua vida para ela. Depois instruiu Veniamin a reescrever a história no mesmo caderno com capa de couro *saffiano* amarelo, adaptando-a a um estilo mais literário. Praskovia, no começo, “não acreditava na santidade do marido”, escreveu a imperatriz. “Ele então se ofereceu para dar uma prova. Os dois entraram num barco a remo em um rio local, e ele afirmou que esse barco então subiu o rio sozinho, sem o uso dos remos. Depois disso, Grigóri Iêfimovitch (como era geralmente chamado) decidiu ‘caminhar pelos locais sagrados’, como era prática comum entre camponeses religiosos, peregrinos e andarilhos.”

* Título equivalente a bispo na hierarquia da Igreja Ortodoxa. (N.T.)

Um relato mais crível sugere que sua transformação espiritual se deu depois de perder três filhos ainda na infância. O primogênito de Raspútín e Praskovia, um menino, morreu aos 6 meses. Abalado pela tragédia, Raspútín teria caminhado até o monastério de Verkhotúrie em busca da orientação de um famoso eremita chamado Makari. Por fim, de sete gestações, somente três filhos sobreviveram: duas meninas, Matriona (que mais tarde mudou o nome para Maria) e Varvara, e um menino, Dmítiri.

“Alguma coisa aconteceu na vida do meu pai quando eu ainda era pequena”, declarou sua filha Maria ao ser interrogada em dezembro de 1919, durante a guerra civil, por autoridades dos russos brancos em Irkutsk. “Isso mudou a vida dele e, conseqüentemente, a vida de toda a nossa família. Meu pai vivia como um camponês comum antes disso, trabalhando na terra. Então, de repente, deixou a família e se tornou um peregrino. Alguma coisa deve ter acontecido na alma dele: parou de fumar, de beber e de comer carne, e partiu em peregrinação.”

Raspútín contou tantas versões diferentes sobre sua infância para diferentes pessoas que é impossível estabelecer uma cronologia específica; contudo, seus anos de peregrinação provavelmente começaram antes dos 30 anos. Nem mesmo seus motivos são inteiramente claros. Realmente ele era fascinado pelos seguidores e pelos aspectos místicos da ortodoxia, mas sabia que não queria ser padre e era irrequieto demais para ser um eremita ou monge submetido a uma disciplina imposta.

Em outras ocasiões, Maria disse que ele recebeu o chamado de Deus num dia em que estava arando. “Ao chegar ao fim de um sulco, levantou a cabeça e ficou deslumbrado por um brilho maravilhoso emanado de uma aparição gloriosa. À sua frente no céu, velando o sol, estava a Santa Virgem, olhando para ele e gesticulando com a mão.” Raspútín a viu como a imagem exata do ícone da Virgem de Kazan, o mais sagrado da Rússia. Ele caiu de joelhos em oração, “determinado a obedecer ao comando que a visão celestial lhe deu”. Repetiu essa versão para quase todos, inclusive o czar, mas muitos, incluindo alguns contrerânios, continuaram céticos.

Raspútín disse depois que voltou a consultar o eremita Makari sobre o significado da sua visão. Em seguida, pegou seu cajado de peregrino e uma bolsa, preparada por sua fiel Praskovia com um pouco de



Raspútín com seus três filhos: Maria, Varvara e Dmíttri.

pão seco, folhas de chá e açúcar, e partiu para a jornada de quinhentos quilômetros até Verkhotúrie, nos Urais. Depois de rezar junto ao relicário contendo os ossos de São Simeão, o Justo, no grande mosteiro de São Nicolau, seguiu para a cabana do abençoado Makari, quase doze quilômetros adiante, nas profundezas da floresta. O santo ancião vivia sozinho, rodeado por suas amadas galinhas, com as quais conversava, sem dúvida sobre teologia.

Evidentemente impressionado pelo fervor espiritual de Raspútín, Makari incentivou o analfabeto a aprender a ler e a estudar as Escrituras. Quando finalmente voltou para casa, em 1897 ou pouco depois, Raspútín anunciou sua intenção de pegar a estrada como um peregrino errante, um *strannik*. Praskovia não deve ter ficado satisfeita em ser

abandonada, mas parece ter aceitado sua decisão. A vocação era respeitada como “um fenômeno extremamente característico da Rússia”. O pai dele, por outro lado, teria ficado irritado com a perspectiva de perder o trabalhador da fazenda da família.

Os *stranniki* eram peregrinos típicos da Rússia do século XIX, no sentido de não terem um destino específico: deslocavam-se de um mosteiro ou de um lugar sagrado para outro através da vasta extensão territorial em busca de Deus e de entendimento. Havia centenas de milhares deles, talvez até um milhão. Por volta da época de Raspútin, cerca de 170 mil visitavam anualmente o mosteiro das Cavernas em Kiev. Apesar de seus sentimentos ambíguos em relação à Igreja Ortodoxa oficial, Tolstói admirava os *stranniki*. Ele próprio caminhou por cinco dias, vestido como um *strannik* e levando uma sacolinha, da sua residência em Moscou até Iasnaia Poliana.* Suas tendências anarquistas podem ter influenciado essa admiração, pois as autoridades czaristas os consideravam vagabundos encenqueiros. Em *Guerra e paz*, a devota Maria Bolkónskaia, atormentada pelo pai tirânico, inveja os *stranniki* e se sente tentada a tornar-se uma dentre eles. A grande maioria era de origem camponesa, mas havia até alguns nobres e oficiais de regimentos da Guarda Imperial que haviam também atendido a um chamado.

Um verdadeiro *strannik*, especificamente dos que faziam um voto de penitência, vestia pouco mais do que trapos ou sacos de juta e andava descalço, carregando pesadas correntes. Batia à porta da isbá de uma família camponesa para pedir abrigo e comida. Em troca da hospedagem, o *strannik* contava a história de suas viagens e experiências religiosas. Na manhã seguinte, geralmente recebia um pouco de pão seco para seguir viagem até o próximo mosteiro, onde rezaria por aqueles que se mostraram bondosos. No mosteiro, ficava em uma hospedaria simples construída para abrigar viajantes pobres e peregrinos. A maioria passava só uma noite, enquanto outros ficavam semanas ou meses, estudando e rezando junto aos monges.

Em suas peregrinações, Raspútin trabalhava nas lavouras e nos celeiros com os camponeses que encontrava para ganhar algum dinheiro,

* Casa onde o escritor nasceu e escreveu seus clássicos, situada na região do Tula, a duzentos quilômetros de Moscou. (N.T.)

que muitas vezes acabava sendo roubado por ladrões. Apesar de ainda semianalfabeto, Raspútin absorvia conhecimentos onde os encontrasse em sua busca por orientação espiritual. Tinha boa memória e aprendeu muitas passagens das Escrituras Sagradas, que citava na menor oportunidade. Enquanto falava, torcia a longa barba ruiva, agitando os membros de forma abrupta e proferindo frases enigmáticas e gramaticalmente incorretas. Na igreja, não conseguia ficar parado e estava sempre se benzendo. Sua curiosidade insaciável também o levava a fazer perguntas muito diretas, que alguns consideravam impertinentes.

Se algumas das experiências religiosas e visões de Raspútin foram ou não provocadas pela fome, como era o caso de muitos místicos, o fato é que ele claramente acreditava nelas. Ao retornar a Pokróvskoie, sua família e conhecidos perceberam que uma mudança profunda havia ocorrido. Raspútin começou a realizar reuniões de oração improvisadas no porão da isbá da família, para irritação do padre local, que viu naquilo uma ameaça deliberada a sua autoridade. A exemplo de muitos exploradores espirituais, Raspútin encontrava inspiração na natureza selvagem, mas também adorava cantar e dançar, o que levou o padre da aldeia a acusá-lo por organizar orgias.

Em 1900, tomado mais uma vez pela inquietação, Raspútin partiu a pé rumo ao monte Atos, a península sagrada da Igreja Ortodoxa. Foi acompanhado por seu amigo e companheiro de andanças, Dmítri Ivanovitch Pecherkin, originário de Kuligi, uma aldeia situada a cerca de trezentos quilômetros de Pokróvskoie. Não era permitido o acesso ao promontório rochoso a mulheres, homens sem barba, galinhas e vacas. Raspútin detestou o ambiente e a ausência de mulheres. Quis ir embora, aparentemente depois de testemunhar o estupro de um jovem monge por anciãos. Pecherkin, no entanto, decidiu ficar e continuou lá por quase treze anos.

Apesar de ser afetuoso tanto com homens quanto com mulheres, Raspútin nunca mostrou nenhuma tendência homossexual. Sua sensualidade era voltada para as mulheres, bem como sua concepção de tentação, pecado e arrependimento. A vida era uma luta interior entre o bem e o mal, entre a espiritualidade e os desejos da carne. O chefe da segurança do czar, general Spiridovitch, escreveu mais tarde, com base em relatórios de agentes da polícia: “Ele costumava se deitar numa

cama com uma mulher nua, conversando com ela enquanto se forçava a vencer o desejo de possuí-la”. Essa curiosa mortificação da carne refletia as proibições da seita Khlysts, mas todas as pesquisas sobre Raspútin concluíram que ele jamais pertencera a essa seita.

Nenhum país cristão teve tantas seitas religiosas quanto a Rússia, em grande parte devido às tentativas brutais de Ivan, o Terrível, e de Pedro, o Grande, de dominar seus súditos recalcitrantes. A imposição da liturgia ortodoxa no século XVII causou o grande cisma que forçou os “Velhos Crentes” à oposição. Milhares foram executados sob tortura ou queimados vivos, enquanto muitos outros milhares se suicidaram. A Igreja Ortodoxa Russa sofreu certa desintegração na periferia. Ainda no século XX, uma das seitas, a Skoptsy, acreditava que a autocastração e a mastectomia eram caminhos para se aproximar de Deus.

Os khlysts, surgidos no século XVII, rejeitavam tantos princípios fundamentais da religião ortodoxa que eram tratados como hereges. O nome, que significava “chicote”, evocava a autoflagelação e a mutilação, mas suas cerimônias, realizadas em salas fechadas ou cavernas, consistiam mais em danças rodopiantes até o colapso físico, para alcançar estados espirituais de arrebatamento. Críticos exaltados afirmavam que tais rituais levavam a cópulas indiscriminadas, quando é mais provável que provocassem transe e falas em línguas desconhecidas. Mas havia uma crença, e não só entre os khlysts, de que, para ser salvo, era preciso pecar para chegar a um arrependimento sincero. Essa ideia claramente cativou Raspútin, que pareceu adotá-la como principal artifício de sedução com as mulheres. Como consequência, conservadores indignados mais tarde o acusariam de ser um khlyst secreto.

O fato de Raspútin ter criado um oratório com ícones e lamparinas a óleo no porão de seu estábulo convenceu seu inimigo, o padre local, de que ele era um membro da seita disfarçado. Sua inveja e ressentimento aumentaram à medida que a fama de Raspútin se propagou pelo oeste da Sibéria, atraindo viajantes e peregrinos para rezar e entoar salmos com ele. O padrão da vida de Raspútin estava traçado: ele sempre despertaria ou devoção ou ódio, o que não era nada surpreendente. Como ressaltou sir Bernard Pares, historiador especialista em Rússia: “A vida de Raspútin foi uma extraordinária alternância entre erotismo e devoção”.

Na opinião do metropolita Veniamin, Raspútin tornou-se uma figura controversa porque “as pessoas sempre quiseram sensações fortes..., e ele acabou numa sociedade em que a verdadeira santidade nunca foi popular, em que o pecado reinava genérica e profundamente. Some-se a isso a incrível fama, que poderia ter desvirtuado até mesmo uma pessoa realmente santa. A tentação desviou Grigóri Iêfimovitch do caminho. O pecado se provou forte demais”.

CRÍTICA

DESCUBRA A VERDADE SOBRE O GRANDE SEDUTOR DOS ROMÁNOV, O MÍSTICO INDOMÁVEL QUE PREPAROU O TERRENO PARA A REVOLUÇÃO RUSSA

Como um camponês semianalfabeto da Sibéria pôde influenciar o destino de um império? Conhecido como “monge louco”, Raspútin exerceu um fascínio extraordinário sobre o czar Nicolau II e sua esposa, Alexandra, tornando-se uma das figuras mais controversas da história russa.

Monarquista convicto, sem cargo oficial ou poder formal, Raspútin contribuiu decisivamente para o desgaste da famosa dinastia Románov. Histórias de corrupção e rumores envolvendo sua proximidade com a família imperial minaram tanto a confiança no regime que, quando a Revolução de Fevereiro de 1917 eclodiu, poucos se dispuseram a defendê-lo.

Mais de um século depois, sua trajetória continua envolta em mistério. Quanto havia de verdade nas histórias que ajudaram a derrubar o império? E o que elas revelam sobre o poder dos mitos na política e na história?

“Uma das maiores narrativas da história, contada por um de nossos maiores historiadores.”

SIMON SEBAG MONTEFIORE

“Uma biografia primorosamente escrita, lúcida e perspicaz de uma tragédia profundamente russa.”

DAN JONES

CRÍTICA



9 788542 244878